

Intervenção que, em representação do PS, na Sessão Comemorativa dos 47 anos do 25 de Abril, em Aveiro.

Filipe Neto Brandão

“Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Aveiro,
Senhor Presidente da Câmara Municipal,
Senhoras e Senhores membros da Assembleia Municipal,
Aveirenses.

Celebramos hoje o 47º aniversário da Revolução de Abril.

O dia em que o povo português fez seu o movimento dos capitães, recuperando a Liberdade de que fora privado por quase meio século.

Hoje, para mais de metade da população portuguesa – a que não era ainda nascida ou que não adquiriu memória do dia que aqui celebramos -, a Liberdade e Democracia que Abril nos trouxe foram sempre tidas como verdades incontestadas e “evidentes por si mesmas”, na celebrada expressão de Thomas Jefferson.

O que a História nos demonstra, porém, é que o não são e que, pelo contrário, reunidas as condições necessárias, qualquer sociedade pode virar-se contra a Democracia... e é também verdade que, a cada ano que nos afastamos desse dia “inicial, inteiro e limpo”, é, pela lei da vida, cada vez menor o número daqueles que, pela sua experiência de vida, estarão, entre nós, imunizados do bacilo do fascismo.

Liberdade e Democracia têm, assim, de ser defendidas, se as quisermos preservar, e, em Aveiro - terra que justamente se orgulha dos seus especiais pergaminhos na defesa da Liberdade, cidade anfitriã dos Congressos Republicanos e da Oposição Democrática, antes de Abril –, haverá sempre quem diga presente, disso estou certo, perante a tarefa nunca acabada de construção de uma sociedade mais próspera, justa e tolerante.

Permitam-me que, numa postura de cariz pedagógico, assumidamente dirigida aos que, por imaturidade ou descrença, não tenham sempre presente o profundo significado daquilo que Churchill um dia sintetizou quando afirmou que “a democracia é o pior dos regimes, à exceção de todos os outros”, permitam-me, repito, que, a esses, cite as palavras do filósofo holandês Rob Riemen, no seu livro “O Eterno Retorno do Fascismo”: “No século XXI, nenhum fascista se designará a si próprio como tal [...] A técnica usada é idêntica em toda a parte: um líder carismático e o ressentimento orientado para um inimigo. O fascismo não precisa de um partido democrático cujos membros sejam individualmente responsáveis; necessita de um líder inspirador e autoritário, de um líder capaz de ser seguido e obedecido pelas massas. O contexto em que esta forma de política pode dominar é o de uma sociedade de massas afetada pela crise que ainda não aprendeu as lições do século XX...”.

Se o fascismo resulta assim da politização do homem-massa rancoroso, isto é, que o fascismo prospera em condições de incerteza, quando o medo e o ressentimento podem ser usados uns contra os outros, o surgimento das ditas democracias iliberais – algo inimaginável até há poucos anos no espaço europeu – vem demonstrar-nos que também as democracias podem ser esvaziadas de conteúdo e reduzidas ao cumprimento de regras meramente formais, e, até essas, apenas intermitentemente cumpridas. A tarefa urgente dos democratas é, pois, a de denúncia e combate aos demagogos e populistas; aos que, a partir de dentro, têm por escopo a corrosão do próprio regime. Steve Bannon, ideólogo de Donald Trump, escreveu “A raiva e o medo são o que leva as pessoas às urnas”.

Essa assunção da exploração da irracionalidade demonstra bem que qualquer sistema político assente na racionalidade – é o caso das Democracias, com seus vários freios e contrapesos – estará sempre à mercê de um ataque do irracional.

É por isso que a Democracia depende da Escola, depende da Cultura, depende da instrução dos seus cidadãos.

Só cidadãos instruídos poderão dispor dos instrumentos necessários para resistir ao apelo das explicações simplistas e da (ir)racionalidade binária que aquelas comportam.

É por isso importante resistir ao ataque e desvalorização da linguagem política: quando as distinções, o rigor e a competência são minadas, apenas resta o poder e a identidade tribal...

Minhas senhoras e meus senhores,

Recentemente, a pandemia pôs-nos todos à prova, enquanto indivíduos e enquanto sociedades.

Quero crer que, ao mesmo tempo que desnudou as nossas fragilidades biológicas individuais, tenha talvez contribuído para um reforço da nossa empatia para com o outro, parceiro das nossas fragilidades e infortúnios.

No planeta que partilhamos, o reforço da consciência de que é com todos que nos salvamos ou, pelo contrário, será com todos que nos perderemos, é seguramente um passo dado na direção certa.

As mensagens, cada dia mais urgentes, que o Secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, tem dirigido aos responsáveis do planeta e à consciência de cada um de nós, têm, nos últimos tempos, vindo a ser crescentemente escutadas. São sinais de esperança.

Senhor Presidente,

O escasso tempo que me foi concedido, e que quero respeitar, recomenda que finalize esta intervenção, regressando à mensagem principal que qualquer celebração do 25 de abril deve comportar: uma mensagem de esperança num futuro melhor e a certeza de que, sejam quais forem os escolhos no caminho, a participação de todos e de cada um de nós, pelas nossas próprias mãos, voz ou voto, na construção desse futuro será sempre a forma mais justa de fazermos verdade o país mais próspero, solidário e livre com que sonharam aqueles que há 47 anos, numa madrugada de Abril de 1974, tiveram a coragem, física e moral, de nos querer, desde então, livres.

Saibamos ser dignos da sua memória e do seu exemplo.

Viva o 25 de Abril.

Viva Aveiro. Viva Portugal.”